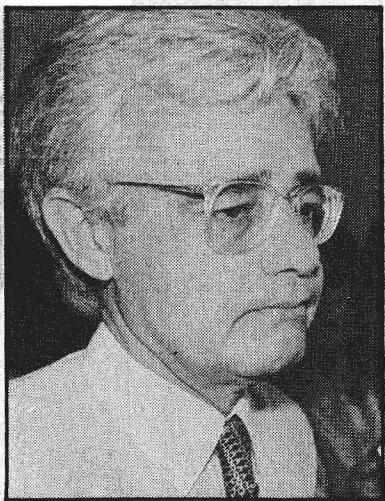


# Segundo turno provoca insônia e pesadelos



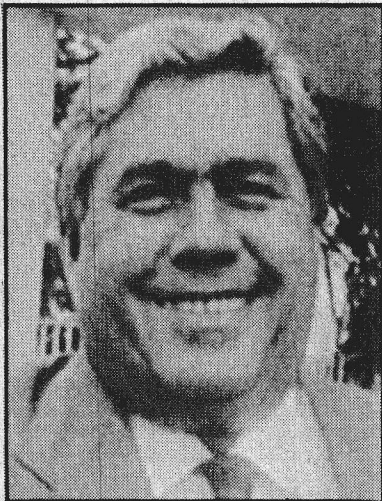
**MOREIRA FRANCO**

Já consagrado Governador do Estado do Rio, Moreira Franco, sabe-reava, em 1986, a vitória sobre o candidato do PDT, Darcy Ribeiro, festejando sobretudo a derrota do ex-Governador pedetista Leonel Brizola. A partir de então, achou que deveria encorpar sua liderança em contraposição à de Brizola. Tudo caminhou bem até a largada da campanha presidencial, quando o "carro" do PMDB deu sinais de defeito já nas primeiras voltas. Circulando com desenvoltura nos bastidores da eleição presidencial, Moreira não tem certo ainda seu destino no segundo turno. Apesar do insistente discurso de centro-esquerda, vem maturando a hipótese de, no segundo turno, apoiar a candidatura de Collor de Mello (PRN), onde já aportaram muitos de seus assessores. Escudeiros do Governador asseguram que, por debaixo da mesa que já foi utilizada por Getúlio Vargas, vêm avançando no Palácio Guanabara flertes com o PSDB. Isto seria, contudo, adubar a possibilidade de uma nova liderança partidária no Estado, capaz, inclusive, de ofuscarlo. Dizendo-se um "soldado do partido", pode ver-se em apuros se, pelas mãos do Governador paulista Orestes Quêrcia, o partido acabará fechando com Leonel Brizola no segundo turno. Outros admitem ainda que não seria difícil para o Governador manter aparente neutralidade, como se a eleição para o Palácio do Planalto fosse apenas um "rio que passou em sua vida".



**ORESTES QUÊRCIA**

Os corredores do Palácio Bandeirantes cansaram de testemunhar reservados desabafos do Governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, que já não esconde a disposição de apoiar o pedetista Leonel Brizola no segundo turno. De olho no espólio do PMDB, Quêrcia só quer a garantia de Brizola de que o seu partido não sofrerá perseguição na eleição para o Congresso, ano que vem, quando espera ver bem gorda a bancada do partido. De aliados, passariam logo a fronts inimigos, atendendo às pretensões de Quêrcia de subir a rampa do Palácio do Planalto em 1994. Peemedebista de bons costados, o Deputado estadual Nefi Tales aponta outra rota para Quêrcia: o caminho do PRN de Collor de Mello, já trilhado pelo Deputado. Nefi assegura que Quêrcia cultiva boas relações com Collor, que, quando lhe propôs um encontro, teria recebido como resposta um sugestivo: "Ainda não é a hora". O Governador, segundo frequentadores do Palácio, será catapultado para os braços de Collor se o segundo turno apresentar como opções o ex-Governador alagoano e Sílvio Santos (PMB). Pragmático, Quêrcia não arriscaria trabalhar na roça de Luís Inácio Lula da Silva (PT) e, menos ainda, no ninho do Senador Mário Covas (PSDB) — adversário que mais o preocupa. Há denúncias de que muitos prefeitos do interior, seduzidos por Covas, continuam fiéis a Ulysses por pressão do Governador.



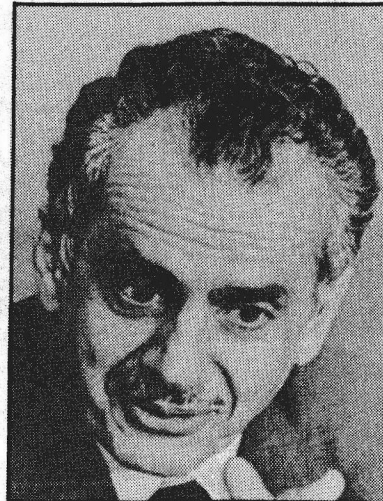
**NEWTON CARDOSO**

A tática do Governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, para o segundo turno da eleição, já é velha conhecida dos mineiros. Aos primeiros sinais de concordância do PMDB, Newton tratou de distribuir assessores em outras candidaturas. A primeira a desembarcar da candidatura de Ulysses foi a Vice-Governadora Júnia Marise, que mergulhou na campanha de Collor de Mello. Acendendo uma vela a Deus e outra ao diabo, Newton plantou vários prefeitos do Sul de Minas na campanha de Paulo Maluf (PDS). Seu próximo torpedo teria como alvo Afif Domingos (PL), que ganhou a adesão do Senador Alfredo Campos. Através de Darcy Ribeiro, seu assessor nos primeiros anos de Governo, cultivava uma via de aproximação com Brizola. A oposição ao Prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga (PSDB), descarta qualquer intenção de se avizinhar dos tucanos. E a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (PT) chega a lhe causar tremores. Sua bússola eleitoral indica que a melhor fórmula é mesmo a já adotada em 1988: ainda que escolha um dos candidatos, manterá todas as portas abertas. Só não contava com a aventura Sílvio Santos. Vem sinalizando ainda que a tendência é fazer, já de olho na eleição presidencial de 1994, um contraponto ao Governador paulista Orestes Quêrcia. Para colher o diferencial, Newton correrá do candidato apoiado por Quêrcia no segundo turno.



**ÁLVARO DIAS**

Há pelo menos um mês o Governador do Paraná, Álvaro Dias, não guarda dúvidas de que se encontra na encruzilhada da sucessão. Encastelado em altos índices de popularidade, Dias não tem candidato à Presidência da República em quem possa despejar sua confiança sem comprometer sua liderança política e a eleição de seu candidato ao Palácio Iguaçu em 1990, o ex-Prefeito Roberto Requião. O apoio a Fernando Collor de Mello (PRN) no segundo turno é tido como provável apenas no caso de Dias não querer ficar apenas como espectador da sucessão. A adesão a Collor, contudo, lhe acarretará muitas concessões, pois vai encontrar na campanha do PRN um de seus mais ácidos adversários, o Presidente do Banco Bamerindus, José Eduardo Vieira. Ao lado de Vieira estão mais dois "jotas" que lhe fazem oposição: os ex-Governadores João Elisio e Jayme Canet Júnior. Todo este grupo mantém em dia as cordiais relações com o Senador tucano José Richa — outro "jota" adversário de Dias. Richa não esconde a disposição de migrar para o bando "collorido" se o Senador Mário Covas não passar ao segundo turno. Outra alternativa proibida a Dias seria a de se bandear para o PDT, onde "adormece" o Prefeito de Curitiba, Jayme Lerner, armanzando forças para disputar a eleição do ano que vem. Mais interessa aos "jotas" adversários de Dias tê-lo temporariamente como aliado do que despertar o "gigante" Lerner.



**PEDRO SIMON**

Trabalhando apenas formalmente para o candidato oficial do partido, o seu amigo do peito Ulysses Guimarães, o Governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, vê se aproximar, com o segundo turno, uma sinuca de bico. Inimigo político de Leonel Brizola (PDT), Simon assistiu a pelo menos 20 prefeitos peemedebistas do Estado se lançarem à campanha de Fernando Collor de Mello (PRN). A opção de "collorir", contudo, está excluída de sua cartilha eleitoral desde que o Senador Carlos Chiarelli, outro adversário histórico, assumiu a coordenação da candidatura de Collor nos pampas. Negociando nos bastidores do Palácio Piratini com enviados do Senador Mário Covas, Pedro Simon tem no Rio Grande do Sul um PSDB esvaziado com a saída do Senador José Paulo Bisol, que trocou a sigla pelo PSB e ocupou a vaga de Vice na chapa presidencial petista de Luís Inácio Lula da Silva. Disposto a ver eleito Governador em 1990 seu atual Vice, Sinval Guazelli — um egresso do PP e ex-Governador nomeado —, Simon estará encurralado com um panorama de segundo turno que coloque lado a lado Collor e Brizola, Brizola e Lula ou Collor e Lula. Se decidir apoiar Lula, correrá o risco de imprimir raízes a mais uma liderança política na região: o Prefeito petista de Porto Alegre, Olívio Dutra. A inclusão do apresentador Sílvio Santos na disputa não chega a alterar o leque de opções do Governador.



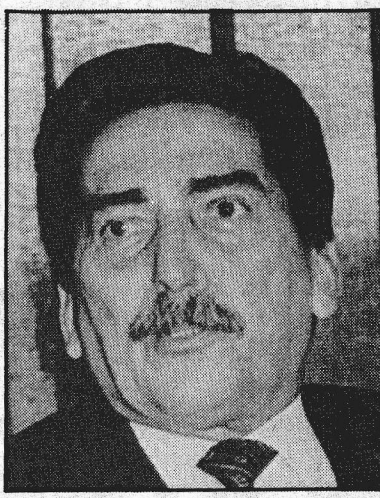
**MIGUEL ARRAES**

O Governador de Pernambuco, Miguel Arraes, trabalhava com a certeza de que o candidato petista Luís Inácio Lula da Silva iria para o segundo turno até que o animador de TV Sílvio Santos se intrometeu no páreo sucessório e revirou todo a carta de navegação elaborada no Palácio do Campo das Princesas. Trabalhando por Ulysses até 15 de novembro sem suar a camisa, Arraes estivera tranqüilo: no segundo turno, não havia dúvida, estaria com o candidato da esquerda, fosse Lula ou Brizola (PDT). A inserção de Sílvio Santos, se aceita pelo TSE, traz a possibilidade de juntar Collor de Mello (PRN) e o animador de TV no segundo turno. A simples hipótese já lhe rouba o sono. O trânsito por Brizola é mantido através do candidato a Vice, o Deputado pernambucano Fernando Lyra. A via de negociação com o PT passa pelo médico e ex-Deputado estadual Luciano Siqueira, Presidente regional do PC do B. Candidato de Arraes ao Governo do Estado no próximo ano, o ex-Prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos, também está apostando no PT, que, em Pernambuco, não tem expressividade política. Todos os que compuseram seu Secretariado até 1988 já estão com Lula. Postulando um assento no Senado, Arraes quer ver bem costurada a esquerda no seu Estado e encontrará problemas se as urnas de 15 de novembro apresentarem como alternativas ao segundo turno Collor e Sílvio Santos.



**TASSO JEREISSATI**

Nenhuma torcida pela classificação do Senador Mário Covas (PSDB) para o segundo turno é tão barulhenta quanto a que vem das terras cearenses. Adepto da candidatura Covas, o Governador do Ceará, Tasso Jereissati, se verá obrigado a transitar em cima do muro se o placar político do segundo tempo apresentar Collor (PRN) em disputa contra Luís Inácio Lula da Silva (PT) ou Leonel Brizola (PDT). Tendo celebrado longo período de namoro com Collor de Mello, antes de selar união com Covas, Jereissati se sentiu traído pelo ex-futuro aliado a partir da divulgação antecipada de uma carta-apoio, e a reaproximação com Collor é considerada agora complicada. Aproveitando as eleições presidenciais deste ano para afiar sua força eleitoral no Estado — Jereissati rebocou para a candidatura Covas vários prefeitos do interior e apenas um Deputado federal, Expedito Machado —, o Governador cearense, no caso de o PSDB não emplacar para o segundo turno, teria de optar entre Leonel Brizola (PDT) e Luís Inácio Lula da Silva (PT). Suando para fazer seu sucessor o Secretário de Governo, Sérgio Machado — filho de Expedito —, Jereissati não pode pensar a curto prazo. Os lastros de sustentação de sua administração estão fincados no empresariado jovem do Ceará que, se considera palatável a candidatura de Mário Covas, jamais digirá nomes como os de Leonel Brizola e de Lula.



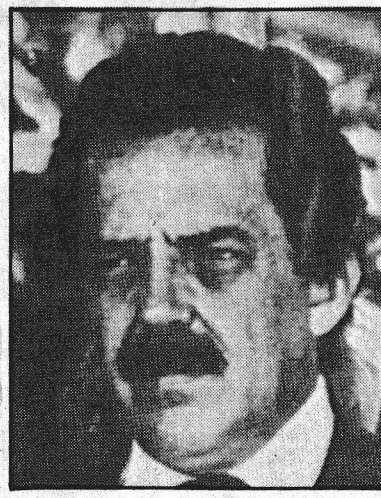
**EPITÁCIO CAFETEIRA**

A missão do Governador do Maranhão, Epitácio Cafeteira, nesta eleição, é a mesma da família Sarney: isolar o Senador João Castelo, adversário político no Estado e virtual candidato ao Governo do Estado em 1990. Eleito pelo PDS, João Castelo "collorriu" e ameaçou, com a possível vitória de Collor de Mello (PRN), a eleição do Deputado pefelista Sarney Filho para a cadeira hoje ocupada por Cafeteira. Castelo já afirmou que só concorrerá se Collor de Mello for consagrado Presidente. Desde que trocou o PMDB pelo PDC, Cafeteira vem jogando em dobradinha com a família Sarney, que cogitou de apoiar Leonel Brizola (PDT). A adesão a Brizola fez parte de uma cartada de Sarney Filho em troca de reforços para a sua campanha de 1990. Na última semana, Brizola endereçou recado a Sarney Filho, através de seu Vice, Fernando Lyra, dizendo que aceita o apoio mas sem o comprometimento para 1990. Sarney Filho e Cafeteira ficaram sem saída, já que, nestes termos, ficar com Brizola nesta eleição significaria fortalecer o Prefeito de São Luiz, o pedetista Jackson Lago. Cafeteira é candidato ao Senado e, entre arriscar sua eleição e optar por Collor ou Brizola, não hesitaria em ficar em cima do muro. Para dissolver as dificuldades, entrou em ação a "conexão maranhense" que articulou a candidatura do animador de TV, Sílvio Santos, porto seguro para Cafeteira e toda a família Sarney.



**NILO COELHO**

Trocando comprometedores sinais de fumaça com integrantes do PFL que engrossam a campanha de Fernando Collor de Mello (PRN), o Governador da Bahia, Nilo Coelho, prevê dificuldades para o segundo turno. Em sintonia com aguerridos "colloristas" baianos, como o ex-Governador Lomanto Júnior e o empresário Pedro Irujo — coordenador da campanha de Collor na Bahia —, Nilo estará entre a satisfação de seus interesses políticos regionais e a fidelidade a Waldir Pires — Governador do Estado até aceitar ser o candidato a Vice de Ulysses Guimarães. Pressentindo o perigo, Waldir vem investindo no PMDB baiano, a fim de conduzi-lo a uma decisão conjunta no segundo turno. Adversário do Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que discretamente apóia Collor, Waldir não quer deixar que a jangada peemedebista atraque no porto de Collor. Ao contrário de Coelho, que facilmente tenderia para a direita no segundo turno, Waldir Pires não hesitará em aderir a Leonel Brizola (PDT) ou a Lula (PT). Estas opções não deverão ser seguidas por Coelho que, fiel a Waldir e incansável cabo eleitoral de Ulysses somente até 15 de novembro, não assumirá campanha aberta por Collor se Antônio Carlos Magalhães o fizer no segundo turno. Embora procure aconchego na campanha de Collor de Mello, Coelho não admite aproximação com o atual Ministro das Comunicações.



**MOACIR ANDRADE**

Bom de voto, mas dono de franquia na liderança política, o Governador de Alagoas, Moacir Andrade (PRN), coordena a campanha de Fernando Collor de Mello no Estado. Se o candidato do PRN não chegar ao segundo turno — hipótese pouco considerada até a chegada de Sílvio Santos no jogo da sucessão —, o Governador alagoano estará em maus lençóis. O PDT do Deputado estadual Zeca Torres, aliado ao PFL do Senador Divaldo Suruagy e do Prefeito de Maceió, Guilherme Palmeira, se encarregará de lhe fechar as portas. No grupo de Suruagy vale mais a oposição a Collor e menos as convicções políticas. Fiel ao ex-Ministro Aureliano Chaves (PFL), Suruagy está disposto a votar em Luís Inácio Lula da Silva (PT), Leonel Brizola (PDT) e mesmo em Sílvio Santos (PMB) apenas para fazer frente ao adversário "collorido" no segundo turno. O PDT de Zeca Torres já compôs com a família Suruagy, que, nas eleições do próximo ano, deverá indicar o candidato ao Governo do Estado, trazendo a reboque um Vice pedetista. O acordo pode correr por água abaixo se Leonel Brizola for o sucessor de José Sarney: a vitória tende a fazer crescer os olhos de Zeca, que não resistirá a se lançar à sucessão de Andrade. O PFL tem ainda a facção liderada pelo Prefeito Guilherme Palmeira, que considera a possibilidade de apoiar o tucano Mário Covas (PSDB) e rever a carta de voo em um segundo turno sem Covas.



**HENRIQUE SANTILLO**

A cruzada do Governador de Goiás, Henrique Santillo, tem se feito em oposição à do Ministro da Agricultura, Iris Rezende, seu adversário político. Desde que o candidato a Vice-Presidente do PMDB, Waldir Pires, desaconselhou a participação de Ministros do Governo Sarney na campanha peemedebista, Iris perambulou: inicialmente, manteve bom relacionamento com Collor de Mello (PRN), que passou a criticar a atuação de seu Ministério e acabou perdendo o aliado. A partir de então, está sem candidato. Confortável com as opções mais à direita de seu concorrente, Santillo cruza com tranqüilidade as "avenidas" das campanhas de Leonel Brizola (PDT) e Luís Inácio Lula da Silva (PT). O Senador Iran Saraiva, do staff mais próximo ao Governador, já anunciou rasgado apoio a Leonel Brizola, por quem trabalha no Estado. O passado político de Santillo o credencia para manter pessoalmente os contatos com o PT: em 1981, então Senador, Santillo pertencia ao partido de Lula. O PSDB goiano, legenda que dá sustentação a Santillo, é fraco e não constitui alternativa. A "tranqüilidade" do Governador goiano só poderá ser abalada por um cenário de segundo turno que traga Collor de Mello e Sílvio Santos. As previsões para o futuro de Santillo, no entanto, são mais áridas: no ano que vem, não haverá como fugir do confronto com Iris Rezende, candidato certo à sua sucessão.



**GERALDO MELO**

A família Melo é curiosa. Geraldo, o Governador do Rio Grande do Norte, deixou de lado as cortes ao candidato tucano Mário Covas e preferiu ficar mesmo com o "velho" Ulysses Guimarães. Seu irmão Antônio, contudo, arregaçou as mangas e injetou gás potiguar na candidatura do PSDB. Não restou muito espaço a Melo que, se pensou em aderir a Fernando Collor de Mello (PRN), o fez tarde demais: seu adversário histórico, Senador José Agripino Maia, foi mais arisco e abastou a campanha de Collor no Estado. Entrincheirado, Melo não pode nem mesmo caminhar para o PDT de Leonel Brizola, já ocupado pela Prefeita de Natal, Wilma Maia, outra inimiga política sua. Como não tem tendências esquerdistas, não pensa nem de longe em avaliar a alternativa Lula (PT). Sem candidato à sua sucessão, Melo acertou os ponteiros de uma composição com o ex-Ministro de Administração, Aluizio Alves, que abençoaria um nome ao Governo em dobradinha com Melo, candidatíssimo ao Senado no próximo ano. Assim, está atrelado formalmente aos passos do ex-Ministro, que tende a seguir oficialmente a decisão do PMDB. Na possibilidade de um enfrentamento entre Collor e Brizola, os aliados de Melo estão certos de que o Governador ficaria com Collor, se não nos palanques ocupados por Agripino, ao menos no coração. O fator surpresa Sílvio Santos pode ainda falar alto nesta disputa.